

O INDIVÍDUO E A CRISE DA MODERNIDADE

Douglas André Gonçalves Cavalheiro

Departamento de História – UFRN

RESUMO: O presente trabalho pretende fazer uma exposição panorâmica sobre a construção conceitual da individualidade e analisar como se dá o surgimento da crise na modernidade, que vem acarretar em uma inversão de pensamento, gerando a morte do indivíduo. Para isso, será realizado um apanhado histórico, visando mostrar a gênese na antiguidade, e a ligação do indivíduo ao conceito de ética, virtude e a política, e demonstrando sua continuidade, que se estabelece no medievo até o tempo do rompimento com essa tradição de pensamento, no período da Era Moderna, rompimento esse causado pela ascensão da *Mentalidade Revolucionária*. Para discorrer sobre isso, foi tomado o conceito de revolução apresentado por Olavo de Carvalho. Ele trata o fenômeno revolucionário como um elemento que afeta o espírito, podendo atingir um grupo de indivíduos, caracterizado por um comportamento de reconstrução da sociedade e da natureza humanas através da política, justificando suas ações baseado na de ser portador de um futuro promissor.

Palavras-chaves: Indivíduo, Tradição, Política e Mentalidade Revolucionária.

ABSTRACT: This work intends to make an overview presentation of the conceptual construction of individuality and to analyze the origin of the crisis at modernity that led the way to a reversal of thoughts, directing the individual to death. For this, there will be a historical overview, showing making evident its origin at antiquity, linking the individual to the concept of ethics, virtue and politics. Showing that its continuity was established at the Middle Age, until Modern Age, when they broke the thoughts with of the revolutionary mentality. To talk about it, we took the concept of revolution presented by Olavo de Carvalho. He treats the phenomenon as a revolutionary element that affects the spirit, reaching an individual or a group, characterized by idea of reconstruction of human society and nature, through politics, justifying their actions based on the belief of holding a promising future.

Key- words: Individual, Tradition, Politics and Revolutionary Mentality.

INTRODUÇÃO

Para realização deste trabalho foi realizada uma divisão em várias partes. Inicialmente, pretendemos apresentar o conceito completo do indivíduo e como se estabelece a sua ligação com a ética e a política; em seguida, demonstrar a tradição da ação política exercida à luz das

virtudes, enquanto não se deu o rompimento desse elo de política com a ética, por meio do nascimento da *mentalidade revolucionária*, iniciada por Maquiavel, e seguida por Gramsci. Finalmente, apontar os graves problemas que esse fato ocasionou. Com esse objetivo, tomamos como base a análise da *mentalidade revolucionária* realizada pelo filósofo Olavo de Carvalho, nascido na cidade de Campinas SP em 29 de abril de 1947. É um filósofo contemporâneo fortemente influenciado pelas tradições escolásticas, e dialoga com as escolas tradicionalistas e marxistas. Sendo que estas últimas sofrem dele pesadas críticas. Seu pensamento, em síntese, consiste no enfrentamento de todas as ideologias que, arvorando-se de “científicas”, utilizam disto para destruir a individualidade.

A CONSTITUIÇÃO DO INDIVÍDUO

Com intuito de compreender o conceito de *mentalidade revolucionária*, e como ele rompeu com toda tradição da política baseada em valores éticos e morais. Inicialmente, façamos uma exposição sobre o indivíduo. Examinando-o sob três aspectos: o biológico; o racional e o tempo-espacial.

Antes de tudo, o indivíduo é um ser biológico, formado por um conjunto de órgãos, como uma máquina alimentada por reações físico-químicas. Esse indivíduo junta-se com outros, para formar o núcleo familiar, onde a junção dos sexos opostos garante a continuidade da espécie. Contudo, se permanecêssemos apenas sob essa perspectiva, ficaríamos limitados a um mero materialismo, que não distinguiria o homem de nenhum outro animal. Por isso, entramos no segundo passo, o homem como um ser racional.

A racionalidade é um fator elementar para compreensão do indivíduo, pois, dotado dela, é que se torna capaz de buscar e compreender a verdade contida na realidade, e refletir sobre ela. Estabelecendo padrões, através de juízo de valores, juntamente com outros indivíduos, possibilita a realização de trocas de objetos comerciais ou favores. Como também, com a memória, é capaz de gravar signos e fonemas, unificando-os a significados e construindo, assim, a linguagem. Com esses fatores, somos capazes de observar que o indivíduo não está isolado, pois valores de troca, e linguagem, têm uma finalidade extremamente social. Por isso, passaremos à terceira etapa, finalizando a tríade inicial: o indivíduo tempo-espacial.

Já sabemos, pela afirmação aristotélica, o “homem é um animal político”, e, por isso, é um ser social. O indivíduo encontra-se num espaço, mergulhado numa sociedade e num determinado tempo. Isso demonstra que os valores, as ações, e as produções realizadas pela

racionalidade estão submetidos a um contexto temporal e social, de um povo e determinada época. Isso mostra que o indivíduo tem que, para sua sobrevivência, conviver com um conjunto de outros indivíduos que, assim como ele, também querem a manutenção de sua liberdade. E para isso, será necessária a ação da política, que consiste numa prática de ética (ἠθος) norteadora pelo princípio da virtude (ἀρετή).

A POLÍTICA DAS VIRTUDES

Desde o berço da civilização ocidental, a Grécia, já no período arcaico, tinha essa concepção de virtude no *Καλοκαγαθία*¹. Nesse momento, os helenos viviam como uma sociedade de guerreiros, onde o padrão de vida virtuosa era encontrado no desenvolvimento equilibrado de mente e corpo. Por isso, esse princípio é muito comparado com o que os romanos posteriormente vão adotar: *Mens sana in corpore sano*².

Posteriormente, no período clássico, Platão orienta a conduta que nomearemos por *Política de Virtudes*. E tomando por base *A República*, a justiça é definida por Sócrates como “o desempenhar cada um sua tarefa” (PLATÃO, 2006:128). Ou seja, cabe a justiça ser o ponto norteador para as outras três virtudes: a temperança, a coragem e a sabedoria. Platão prossegue na obra, fazendo uma analogia de cada classe como uma virtude específica, a saber, aos artesãos a virtude da temperança; aos guardiões, a coragem e, aos governantes, a sabedoria. Essas virtudes posteriormente seriam nomeadas *Virtudes Cardeais*. Por serem comparadas aos pontos cardeais, onde o norte a justiça, em que todos os indivíduos devem se basear, para criar uma vida harmônica na comunidade.

Os artesãos têm que possuir a temperança para realizar uma excelente produção material; os guardiões têm que possuir coragem para defender a lei da cidade; e os governantes têm que possuir sabedoria nas suas escolhas durante suas gestões. E seguindo o princípio de coloca-se cada um no seu lugar e desempenhar sua tarefa da melhor forma, temos a justiça. Esses valores não podem ser vistos de maneira isolada, afinal, não existe uma justiça covarde, ou uma sabedoria injusta.

Essa perspectiva de tomar a política como uma discussão da ética, atrelada aos valores das virtudes, tem continuidade na tradição seguida pela Igreja Católica, na Idade Média,

¹ Do grego: Kalos = belo; kai (e); Agathos – Bom. Ou seja, o *Belo e Bom*

² Do latim: *Mente sã e corpo sã*.

quando, será acrescentada uma nova série de virtudes: as *Teologais*. Compostas por uma tríade: Fé, Esperança e Caridade.

A Fé em Deus, Esperança na Salvação e a Caridade para com o outro. Dessa forma, a tradição seguida pela escolástica vai completar com essa tríade, visando orientar as almas para uma relação com Deus. Já as outras virtudes tratavam apenas das relações morais do indivíduo com outros indivíduos.

Dessa forma construiu-se a tradição da construção da individualidade, sob a perspectiva de um debate ético, voltado para as virtudes, para que o indivíduo se resguarde em sua existência saudável com os outros, na sua sociedade. Todavia, essa tradição vai ser gravemente rompida, durante a Era Moderna, por Nicolau Maquiavel, e ganha continuidade, com seu conterrâneo, Antonio Gramsci, sendo este já na contemporaneidade. Esses dois são os pilares para compreensão do fenômeno da *mentalidade revolucionária*.

OS PILARES DA MENTALIDADE REVOLUCIONÁRIA

Vivendo numa Itália descentralizada e caótica, Nicolau Maquiavel escreve seu livro, *O Príncipe*, e o dedica a Lorenzo de Médicis, visando realizar o sonho da unificação dos Estados da península itálica.

Essa sua obra vai ser um marco para a edificação da mentalidade revolucionária. Deixa evidente pelo florentino que existe uma separação entre a ética, a conduta virtuosa, e a política na sua prática. No *Príncipe*, Maquiavel esclarece que “um homem que quiser fazer profissão de bondade é natural que se arruíne entre tantos que são maus” (Maquiavel, 1987:63). Essa dicotomia entre a virtude e a ação política vai ser o fulcro do rompimento com a tradição da ciência política, que presava a defesa do indivíduo. E prosseguindo da na sua lógica, o filósofo fixa forma de se estabilizar no poder: “Assim, é necessário a um príncipe, para se manter, que aprenda a poder ser mau e que se valha ou deixe de valer-se disso segundo a necessidade.”³

Como se pode observar, a finalidade da política é apenas um debate sobre a tomada de poder, e, de como se manter nele. O indivíduo, não está mais no foco do pensamento político, nem a ética e as virtudes, mas a tomada de poder, para se ter o controle do Estado, e os métodos de nele se manter o máximo de tempo, para realizar os seus objetivos pessoais. O indivíduo nesse ideal político é apenas um instrumento para se chegar ao poder, com uma

³ Ibid., p. 63

ideologia que anuncia um Estado perfeito. No caso de Maquiavel, esse ideal seria alcançado com a unificação dos Estados da península italiana.

Seguindo essa mesma corrente, temos contemporaneamente Antonio Gramsci, seu principal livro, escrito na década de 30, intitulado *Cadernos do Cárcere*. Nessa obra é estabelecida uma distinção entre a sociedade política, constituída por polícia, exército e sistema jurídico, da sociedade civil, formada por família, sistema educacional. O primeiro possui um poder coercitivo e direto, o segundo se estabelece pelo consentimento. Percebe-se que essa distinção é uma herança maquiavélica no pensamento gramscista. E a finalidade da tomada de poder tinha para Gramsci uma finalidade mais abrangente do que Maquiavel; não se limitava somente a Itália, mas tinha como o objetivo o mundo todo, que é o fim da revolução comunista. Objetivava ter não apenas um lado revolucionário violento, mas também uma atividade de *revolução passiva* mediante um processo de infiltração gradual e manipulação da sociedade nos pilares de seus valores morais.

A desvinculação da atividade política do comportamento virtuoso enseja a entrada dessa nova corrente na política, sob o guarda chuva da *mentalidade revolucionária*, e vai repercutir em graves conseqüências contra o indivíduo, segundo analisa o filósofo Olavo de Carvalho.

A ANÁLISE DA MENTALIDADE REVOLUCIONÁRIA

Olavo de Carvalho identifica e descreve a *mentalidade revolucionária* como algo que transcende o aspecto meramente político. É como uma patologia do espírito, que atinge as artes, e todos os aspectos da vida humana. Em suas palavras:

“A mente revolucionária não é um fenômeno essencialmente político, mas espiritual e psicológico, se bem que seu campo de expressão mais visível e seu instrumento fundamental seja a ação política.

(...)

‘Mentalidade revolucionária’ é o estado de espírito, permanente ou transitório, no qual um indivíduo ou grupo se crê habilitado a remoldar o conjunto da sociedade – senão a natureza humana em geral – por meio da ação política; e acredita que, como agente ou portador de um futuro melhor, está

acima de todo julgamento pela humanidade presente ou passada, só tendo satisfações a prestar ao “tribunal da História”.”⁴

Todo aquele que é portador da *mentalidade revolucionária*, nós o chamamos por revolucionário. É dotado dessa característica, que vai haver uma revolta na perspectiva da realidade. A sociedade que antes era vista como um conjunto de individualidades cooperando entre si, para uma harmonia social, passa a ser vista como uma entidade em si como um fim último a ser atingido; o indivíduo é apenas um meio para atingir o fim, que é chegar o domínio do Estado.

Anteriormente, a mudança da sociedade se dava por uma propagação das ações virtuosas, ao passo que para o revolucionário toma a sociedade como um todo ruim, e por isso tem que conquistar o poder, para fazer suas transformações. Para o revoltado, não adianta uma melhora individual, para que a sociedade melhore, tem que antes, haver uma melhora na sociedade para que o indivíduo melhore. Por isso, a política vão se tornar apenas uma discussão sobre as formas de conquistar o Estado, para fazer as alterações tidas como necessárias pelos revolucionários. Carvalho continua em sua exposição:

“‘Revolução’ significa precisamente um giro, uma inversão de posições. O tema do “mundo às avessas”, que invadiu o teatro e as artes plásticas na entrada da modernidade, impregnou-se tão profundamente na mentalidade revolucionária que acabou por se tornar um reflexo inconsciente, consagrando-se por fim como o método de pensamento essencial – e na verdade único – da intelectualidade ativista e dos políticos de esquerda.”⁵

Todas as atividades que têm por objetivo criar uma sociedade melhor, visando para isso a concentração de poderes, estão completamente integradas na *mentalidade revolucionária*. Essa inversão dos ideais democráticos tem por consequência a morte do indivíduo. É característica de todas as revoluções guiadas pela mentalidade revolucionária a matança sistemática de pessoas. Podemos encontrar esses mesmos elementos em outras revoluções, como a Francesa, a Russa, a Chinesa, a Cubana etc. Contudo, para Carvalho, Revolução Americana não se enquadra nesse padrão. Nela, em nenhum momento, encontra-se

⁴ CARVALHO, Olavo de; A Mentalidade Revolucionária. *Diário do Comércio*, 16 ago. 2007.

⁵ CARVALHO, Olavo de. A Inversão Revolucionária. *Diário do Comércio*, 29 out. 2007.

uma proposta de sociedade ideal, e muito menos, de conquista do poder do Estado para concretização das idéias revolucionária. Por isso, a Revolução Americana não foi um evento eivado de *mentalidade revolucionária*.

Em suma, para ilustrar melhor e pontualmente o aspecto revolucionário, vamos citar os cinco pontos característicos dos fenômenos guiados pela conduta revolucionária elaborados por Carvalho:

1 – O revolucionário não entende a injustiça e o mal como fatores inerentes à condição humana, (...) e sim como anomalias temporárias criadas por uma parcela da humanidade, a qual parcela -- os burgueses, os judeus, os cristãos, etc.

2- A parcela culpada espalha o mal e o pecado por meio do exercício de um poder, (...) deve ser eliminada por meio de um poder superior, o poder revolucionário, criado deliberadamente para esse fim.

3- O poder maligno domina a sociedade como um todo, moldando-a à imagem e semelhança de seus interesses, fins e propósitos. A erradicação do mal deve tomar, portanto a forma de uma reestruturação radical da ordem social inteira. Nada pode permanecer intocado.

4- A nova sociedade de ordem, justiça e paz não pode, portanto ser imaginada senão em linhas muito gerais, tão diferente ela será de tudo o que existiu até agora. O revolucionário não tem, portanto a obrigação (...) de expor de maneira clara e detalhada o plano da nova sociedade, muito menos de provar sua viabilidade ou demonstrar, em termos da relação custo-benefício, as vantagens da transformação.

5- Embora conhecida apenas como uma imagem muito geral e vaga, a sociedade futura coloca-se por isso acima de todos os julgamentos humanos e se torna ela própria a premissa fundante de todos os valores, de todos os juízos, de todos os raciocínios. (...) Os erros e crimes do líder caído, não podendo ser imputados à sociedade futura, nem ao processo revolucionário enquanto tal,(...), só podem ser explicados portanto como um efeito residual do passado condenado: o revolucionário, por definição, só peca por não ser revolucionário o bastante.⁶

⁶ CARVALHO, Olavo de. Ainda a Mentalidade Revolucionária. *Diário do Comércio*, 10 out. 2007

A inversão revolucionária passa a ver a sociedade como um todo portadora do mal, e não os seres que a compõe: os indivíduos. E cabem aos revolucionários, essas cabeças iluminadas por essa verdade revelada conquistar o Estado, e levar então, a felicidade para todos que se encontram num estágio de ignorância, que não foram afetados pela luz da revolução. Sobre essa sociedade perfeita futurista, ninguém pode afirmar nada, nem mesmo os revolucionários que tanto lutam, pois, eles não sabem o que os espera para além das próximas horas. Devido isso, eles agem com os senhores do tempo, julgando a todos, e o único crime, digno de ser nomeado também por “pecado capital revolucionário” é de não ser revolucionário suficiente. A linha do suficiente é algo que se estira para o além, paralelamente a linha do sonho da utopia. E como duas retas paralelas, elas tem um encontro apenas no infinito de seus horizontes, ou seja, em lugar nenhum.

E para manter essa caminhada, tudo que foi feito anterior tem que ser removido, todas as tradições têm que ser desconstruídas, desde os calendários, até formas de cabelo, moda tem que ser alterado para os novos padrões de vida. Por isso todo radicalismo é pouco, é qualquer moderação é algo altamente perigoso. O excesso é a lei desse fenômeno revolucionário. E por isso, crimes aconteceram, porém quem ira julga, se eles são os senhores do futuro.

Desse futuro sonhado, não esperamos máquinas super-futuristas, e robôes de olhos vermelhos, mas uma vala de corpos degolados, entre as ruínas da história.

CONCLUSÃO

Temos a finalidade, então, de explicar que a sobrevivência do individuo tem uma ligação com o entendimento de um ser voltado para *Política das Virtudes*, centralizado na busca pela excelência do homem, que tem consciência de que cada um deve fazer o melhor da função a que é chamado a desempenhar. Essa visão, que formula a tradição da política, não pode ser rompida, visto que seu rompimento é realizado por uma inversão de pensamento sobre a realidade, gerando a *mentalidade revolucionária*.

A consequência gerada pela ação revolucionária, já discutida pelo filósofo Carvalho, é a completa destruição do indivíduo. E aí reina seu elemento pernicioso. Pois, a inversão revolucionária faz com que se perca a noção do tempo-espaco, passando a observar a sociedade como fim em si, e não um meio. E apagar o passado, visto que apenas o futuro importa para se instalar a nova ordem mundial. E assim, com a racionalidade invertida, faça que se ausente todo o senso de ética das ações. Gerando por fim, na morte do indivíduo, a

destruição do indivíduo biológico. Por isso o genocídio é algo cotidiano para todos os fenômenos atingidos pela *mentalidade revolucionária*.

Para que o indivíduo possa sobreviver com sua existência livre harmônica e plena, faz-se necessário o retorno para discussão de uma *Política das Virtudes*, buscando a compreensão e prática da ética. Somente assim poderá ocorrer uma mudança social saudável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Olavo de. A Mentalidade Revolucionária. *Diário do Comércio*, 16 ago. 2007;
_____. Ainda a Mentalidade Revolucionária. *Diário do Comércio*, 10 out. 2007;
_____. O Que é o Fascismo? *Diário do Comércio*, 8 jul. 2000;
_____. A Técnica da Rotulação Inversa – II. *Diário do Comércio*, 27 jan. 2011;
_____. A Inversão Revolucionária. *Diário do Comércio*, 29 out. 2007;
_____. A Inversão Revolucionária em Ação. *Diário do Comércio*, 23 jul. 2008;

PLATÃO. **A República**. Tradução: Pietro Nasseti, São Paulo: Martin Claret, 2006. Título original: *Politéia*.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. Tradução: Lívio Xavier, Os Pensadores, 4ª edição. Ed. São Paulo: Nova Cultural 1987